

## DINÂMICAS CONJUGAIS E INDIVIDUALIDADES: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES CASADAS COM MILITAR

*Ester Nunes Praça da Silva*

Mestre em Estudos de Família na Sociedade Contemporânea – PPGFSC - Universidade  
Católica do Salvador - UCSAL, Salvador-Ba.  
Orientadora: Profª Drª *Lívia Alessandra Fialho Costa*  
E-mail: *esterearru@yahoo.com.br*

### RESUMO

Esta comunicação apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa desenvolvida em Salvador, Bahia, Brasil, sobre dinâmicas conjugais e individualidades. O foco da nossa pesquisa foi mulheres casadas com homens que trabalham numa Organização militar. Argumentou-se que no cotidiano de mulheres casadas com militares, os arranjos das dinâmicas conjugais e o campo de possibilidades de exercício de suas individualidades estão vinculados à profissão de seus maridos e esta condição pode contribuir para enredos específicos de dinâmicas internas de conjugalidade. Isso significa dizer que o casal e a experiência de família se formatam através de um arranjo cotidiano, e não a partir de um 'papel' previamente construído, visto que a conjugalidade e a individualidade são afetadas por questões relacionadas ao trabalho/sobrevivência, gerando tensões e regulações.

**Palavras-chave:** Dinâmicas conjugais, Mulheres, Família.

### ABSTRACT

This communication presents the results of a qualitative research developed in Salvador, Bahia, Brazil, on marital dynamics and individuality. The focus of our research was married women with men working in a military Organization. It was argued that in the everyday life of married women with military, the arrangements of marital dynamics and possibilities to exercise their individuality are linked to the occupation of their husbands and this condition may contribute to internal dynamic specific plots conjugalities. This means that the couple and the family experience if format through an everyday arrangement, and not from a 'paper' previously built, since conjugalities and individuality are affected by work-related issues/survival, generating tensions and regulations.

**Keywords:** Dynamics Marriage, Women, Family.

## 1. Introdução

O objetivo desta comunicação é identificar formas específicas de construir a autonomia/individualidade na vida a dois, a partir da análise qualitativa de 06 (seis) entrevistas semiestruturadas<sup>1</sup> realizadas com mulheres, entre trinta e quarenta e cinco anos, vivendo em conjugalidade com maridos cuja profissão é a de militar das Forças Armadas, mães de filhos em idade escolar, moradoras da cidade de Salvador/Ba.

Com a concepção de que a vida conjugal é feita tanto de afetos como de rotinas face às obrigações maternais e conjugais, supõe-se que existe uma articulação entre as orientações amorosas femininas e as maneiras como as mulheres concebem e delineiam, na prática, as margens de suas autonomias frente à relação conjugal - face ao nós-casal.

Sobre essa questão, pretende-se aferir, afinal, aquilo que alguns autores consideram ser um dos aparentes paradoxos da contemporaneidade, os quais progressivamente se impoem às conjugalidades contemporâneas, divididas entre um ideal de fusão afetiva e o investimento na individualidade. Nesse sentido, fabrica-se um imaginário variado sobre o casal, habitado por dimensões aparentemente contraditórias ao aproximarem-se da busca pela autonomia, gratificações e realizações pessoais e da aspiração de intimidade e proximidade afetiva fusional na relação a dois (ABOIM, 2010 p.146).

Em vista de uma compreensão da família contemporânea, exige-se uma incursão em diversas qualidades que a caracterizam. Assim, falava-se de uma família conjugal com papéis bem definidos até os anos 1960; a partir daí e por várias razões, fala-se da *individualização* na família, conceito importante na sociologia da família contemporânea - compreendido como “busca de gratificação pessoal e autodeterminação do self, por um lado, e realização afetiva através de uma relação de alteridade, em que, em última instância, o sentimento para a própria individualidade existe porque o outro existe” (ABOIM, 2006, p.146) -, constituindo-se em um marco diferencial nas mudanças históricas dos últimos séculos.

Há, na contemporaneidade uma família conjugal relacional e individualista que não teria sido possível sem que um processo de individualização tivesse lugar, mas acaba esse mesmo processo tornando-a campo mais fácil de tensões e rupturas, evidenciado pela tensão entre a fusão amorosa e a individualidade. Dela são exigidas mudanças estruturais nos seus fundamentos, sem que se neguem suas outras funções.

---

<sup>1</sup> A ordem de emergência dos tópicos, em grande parte, foi determinada pelo fluxo da conversa, cuja tentativa foi reconstituir histórias de vida.

Logo, ao propor que a família contemporânea é individualista e relacional<sup>2</sup>, Singly (2000, p.15) afirma que, na sociedade contemporânea, se exige do indivíduo a busca da sua autenticidade, mas que só pode ser construída através da relação com o outro, especificamente, o outro conjugal; ainda, percebemos que o autor encontra, na busca individual de identidade, a função central da família contemporânea, sendo esta, por sua vez, concebida pelos laços afetivos.

Como o eu reclama cada vez mais o primeiro papel, homens e mulheres sentem-se obrigados a mudarem sua maneira de conceber a vida em comum. Nessa medida, vive-se o pluralismo familiar, fruto das transformações vivenciadas nas relações entre homens e mulheres, entre gêneros e gerações, as quais impõem a necessidade de uma nova equação na relação entre individualização e pertencimento familiar.

O casal convive com a difícil tarefa de ser dois, e, nessa troca de (re)conhecimentos, presume-se a transformação do eu (FÉRES-CARNEIRO,1998) – não devendo ser, no entanto, uma transformação de mutilação, mas, um eu que corresponde a um interesse em aprender novas possibilidades de ser outra pessoa, mas que não perde a identidade.

Assim, paradoxalmente, a família pode parecer frágil e forte; frágil, pois são poucos aqueles que sabem se incluir na tarefa de co-elaborar com o outro – o cônjuge ou o seu equivalente –, ajudando-o a ser ele próprio, a desenvolver as suas capacidades pessoais; forte, porque a vida privada, com uma ou várias pessoas, é desejada pela grande maioria das pessoas, pois verificamos que, embora o número de lares constituídos por uma única pessoa só tenha aumentado nos últimos anos, as pessoas ainda continuam casando, descasando e recasando, o que demonstra um desejo de estarem ‘juntas’.

A família pode, assim, ser bem definida em termos de uma *família em mudança*, uma vez que é nesse campo de tensão entre os dois polos que se constroem e se renovam as famílias contemporâneas. Portanto, não se pode traduzir, necessariamente, a compreensão da existência de uma lógica homogênea quanto às expectativas ou às modalidades de encarar e de viver as experiências conjugais.

Tentando encontrar algumas respostas para o problema colocado, quer-se, enfim, perceber quais as diferentes estruturas e seus significados que pode assumir a

---

<sup>2</sup> Na perspectiva “relacional e individualista”, perspectiva de Singly, a análise da família contemporânea passa pela compreensão do processo que ele chama de “individualização”, onde, segundo ele, diferencia-se do individualismo, uma vez que este último promulga a independência total e irrestrita dos sujeitos. Para uma melhor compreensão desta abordagem, ver a produção de François de Singly, em particular, suas obras *Uns com os Outros – quando o individualismo cria laços* (2003), *O eu, o casal e a família* (2000), *Família e Individualização* (2000), *Livres Juntos* (2001), *Sociologia da Família Contemporânea* (2007).

autonomia/individualidade de mulheres entre o eu e o nós-casal, numa relação conjugal marcada pelo contexto do trabalho militar – porque, nessa trama complexa, a identidade pessoal pode ser percebida no sentido de pertença ao casal, ou à família, ou, ainda, pode ser construída em função de uma história pessoal com inclusão noutros “círculos sociais”.

Ao investigar a questão da individualidade na vida conjugal marcada pela relação com o contexto militar, procuramos, por meio das entrevistas, encontrar, sobretudo, respostas para duas perguntas-chave: que desafios enfrentam essas mulheres no seu fazer cotidiano, na família, na relação conjugal, face as suas respectivas individualidades? Ou seja, que paradoxos estão colocados para essas famílias, considerando o que a literatura atual debate sobre o chamado “paradoxo das conjugalidades contemporâneas”? Ainda, buscamos conhecer que expressões e manifestações podem assumir as gratificações e realizações pessoais de mulheres em conjugalidades marcadas pelas prerrogativas e exigências da carreira de militar. Para tanto, tipificaremos a dinâmica interna da conjugalidade, ou seja, a relação entre o eu e o nós-casal no cotidiano do fazer conjugal, “posto que a vida conjugal e em família é feita de tempos pessoais e tempos compartilhados” (PEIXOTO, 2007, p.20).

É sob a ótica da coesão e da integração externa – elementos da interação -, bem como do tipo de afeto discursivamente valorizado, que descobrimos o que une e o que separa o casal no jogo entre o eu e o nós-casal, ou seja, o peso e as circunstâncias dadas ao eu e ao nós-casal no fazer cotidiano conjugal, buscando compreender como se relacionam os indivíduos em diversas áreas da vida conjugal (isto é, as dinâmicas desta relação, quais sejam, intimidade afetiva, produção da vida material conjugal e familiar) e, especialmente, a natureza desta relação (complementariedade de papéis ou procura da igualdade), porquanto o modo e o caráter do vínculo conjugal são aspectos sobre os quais se fundamentam as conjugalidades, em outras palavras, o caráter e dinâmica da relação conjugal explicam a própria razão do que une e do que separa o casal, ou seja, exprimem a tensão existente entre o eu e o nós-casal.

Em seguida, objetivamos conhecer a expressão em que se manifesta o “eu” de mulheres cujo cônjuge segue a carreira de militar. Neste aspecto, buscamos conceber a situação da questão profissional dessas mulheres frente às prerrogativas e exigências da carreira de militar de seus cônjuges, especialmente, no que tange às transferências entre cidades. Contudo, ressaltamos que procuramos saber qual o significado atribuído ao trabalho profissional por essas mulheres (se estratégia de sobrevivência, no sentido de fonte de independência, ou fonte de gratificação, no sentido de projeto forte de individualidade), pois, mediante o sentido que conferem aos seus trabalhos profissionais, tentaremos compreender

em que medida elas valorizam a individualidade autônoma e as recompensas afetivas, isto é, o peso dos aspectos afetivos, identitários, materiais e econômicos.

A apresentação dos resultados levará em consideração a pré-suposição de que existe uma relação de articulação entre orientações amorosas femininas e as maneiras como as mulheres concebem e vivem na prática a sua individualidade face à instância conjugal - face ao nós casal.

## **2. Perspectivas teórico-metodológicas: Do geral ao particular da pesquisa**

Por conseguinte, para perceber a dinâmica do laço que une internamente a família, analisamos, preliminarmente, a interação sob a perspectiva da coesão em três planos. Então, o primeiro plano de tratamento da coesão está caracterizado pelos modos de *práticas de coesão*, pelos quais procuramos saber quem faz o que com quem em três momentos do cotidiano: trabalho doméstico, lazer e conversas. Esta análise nos permitiu saber se no cotidiano predominam práticas fusionais centradas no nós-casal, nós-família, ou práticas marcadas pela autonomia, onde o nós tem fraca expressão.

As formas de *práticas de coesão* podem ser classificadas da seguinte maneira: a) *separação forte*, quando há ausência de práticas feitas em casal, predominando atividades feitas individualmente por cada um dos cônjuges; b) *separação atenuada*, quando há ausência de práticas realizadas em casal no que tange ao trabalho doméstico e conversas, mas com algumas atividades de lazer realizadas em casal ou em família; c)  *fusão expressiva*, quando há o exercício de práticas realizadas pelo casal ou pela família em torno das atividades lúdicas e conversas, e, de certa forma, nas realizações das atividades domésticas; d)  *fusão instrumental e expressiva*, quando há práticas de lazer e conversas realizadas em casal, e, em certa medida, com maior predominância na maioria das atividades e assuntos do que na  *fusão expressiva*, contudo, nas atividades do trabalho doméstico, vivem-se práticas individuais; e)  *polivalente expressiva*, quando, tanto em casal ou individualmente, os sujeitos realizam as atividades de lazer, e, de um modo pouco mais individual, as atividades domésticas; e f)  *polivalente expressiva e instrumental*, quando, tanto em casal ou individualmente, os sujeitos realizam as atividades domésticas e de lazer. Procuramos, dessa forma, saber qual o tipo de prática de coesão que é produzido - se fusão, centrado no nós-casal/nós-família, ou autonomia.

O segundo plano de investigação da coesão é a *coesão interna*, pela qual se busca conhecer se há coerência nas divisões conjugais dos trabalhos doméstico e profissional, bem como na forma de viver os lazeres, convocando para a investigação a questão da igualdade de

gênero na conjugalidade. Assim, caracterizamos os casais sob a perspectiva do modelo de *indiferenciação* - aquele no qual predomina a partilha conjugal dos trabalhos domésticos, a dupla profissão e um equilíbrio na autonomia individual em relação ao lazer -, ou pelo paradigma de *diferenciação* das tarefas e das atividades; nesse sentido, podem se manifestar pelo aspecto de *ganha-pão* no masculino - onde o homem trabalha remunerado e a mulher toma conta dos afazeres domésticos -, ou, ainda, pelo aspecto do *desequilíbrio* no feminino - onde ambos têm profissão, mas só a mulher se encarrega das tarefas domésticas, além da forte autonomia masculina para o lazer em contraponto a fraca individualização no feminino para o lazer. Assim, buscamos, por esse prisma, conhecer se existe uma complementariedade de papéis ou busca de igualdade de gênero.

O último plano de exame da coesão é *a regra de coesão*, mediante a qual é possível analisar o controle de recursos essenciais pelo casal, como o tempo livre e os gostos. Trata-se de um mecanismo que permite identificar, de maneira mais explícita, a construção da individualidade dos cônjuges, ou melhor, a circunstância da fusão ou da autonomia que é produzida dentro da vida conjugal. Nesse sentido, distribuimos *a regra de coesão*: a) em *bolsa comum*, quando os cônjuges desejam partilhar todos os momentos e amizades e se vive uma espécie de erosão dos recursos pessoais; b) e em *autonomia relativa*, quando os cônjuges reservam um pouco dos seus recursos pessoais e vivem seu tempo livre ou amizade, um independente do outro - em certa medida, combinam fusão e autonomia. Assim, conhecemos as características da individualidade face ao nós-casal, bem como a percepção que a mulher faz da sua própria autonomia pessoal.

Finalmente, lançamos mão do conceito de interação sob a ótica da *integração externa*, pois com esse recurso queremos aferir se o casal tem contato com as questões do mundo exterior à sua vida privada, observando o tipo de atividade que predomina na vida familiar, ou seja, se existe uma diversidade de atividades e lazeres do casal e, também, de convívio com outras pessoas, em outras palavras, trata-se do universo da sociabilidade do casal - aqui, atividade significa sair de casa para fazer qualquer coisa. Com efeito, ordenamos a *integração externa*, considerando uma gradação que relaciona convívio social e atividades de lazer realizadas externamente ao âmbito da residência: a) em *fechada*, quando o convívio social do casal se desenvolve com baixa intensidade e a margem de atividades de lazer realizadas fora de casa é restrita - até três tipos; b) em *abertura fraca*, quando o convívio social se desenvolve com média intensidade e a margem das atividades de lazer realizadas fora de casa é relativamente mais ampla - entre quatro e seis; c) e em *abertura forte*, quando

ocorre uma rotina mais frequente do convívio social e uma variação maior de atividades de lazer realizadas fora de casa – sete em diante.

Ademais, descrevemos as seguintes ancoragens sociais das mulheres: os capitais escolares e a existência de redes de apoio familiar. Isso porque acreditamos que os capitais escolares delimitam um campo de possibilidades objetivas para a construção da dinâmica da família conjugal, mesmo que saibamos que existe um estatuto de autonomia relativa à conjugalidade. Segundo Aboim (2006, p.249), as escolaridades femininas e masculinas, quando cruzadas com os tipos de interação, “apresentam um padrão semelhante de variações significativas”, que quer dizer que a escolaridade dos sujeitos poderá imprimir diferentes especificidades às conjugalidades. Por exemplo, segundo a mesma autora, a ótica da teoria dos recursos - proposta por Blood e Wolfe (1960) e igualmente utilizada por Singly (1990a) - diz que “os desequilíbrios conjugais em matéria de capitais escolares podem agilizar dinâmicas de desigualdade de gênero”.

Quanto às redes de apoio e dinâmica conjugal, nossa intenção foi descobrir quais conjugalidades estão em contato com a família extensa do casal, procurando perceber em que medida ter ou não ter uma rede de apoio familiar se articula às determinadas formas específicas de interação. “As pesquisas sobre este tópico remontam, sobretudo, aos anos 50 e 60, sendo referência o clássico estudo de Elizabeth Bott (1976) ou as pesquisas de Reiss e Oliveira (1983) e Lee (1979 e 1980)” (ABOIM, 2005, p.252). Ainda, destacamos que levamos em consideração os valores pessoais e normativas sociais - pertencentes ao arcabouço cultural dessas mulheres - já que, em certa medida, essas categorias contribuem para os contornos da conjugalidade.

Em seguida, buscamos, através dos relatos femininos, investigar as orientações afetivas, demarcadas pelo sentimento discursivamente valorizado pelas mulheres, bem como pelo lugar que este ocupa na dinâmica conjugal. Aqui, nosso principal interesse foi conhecer as delimitações que os sentimentos imprimem às dinâmicas internas na construção das rotinas do casal, iniciando por relatar o tipo de sentimento valorizado e o caráter mutável dos afetos nos percursos conjugais, bem como a relação destes com outras componentes elaboradas no interior das conjugalidades, a saber, a formação da família e criação dos filhos; então, a partir daí, pretendemos captar com maior minúcia o jogo entre o “eu” e o “nós” na vida do casal, agora, em face do discurso dos afetos, visto que se vive num “contexto histórico em que o amor se estabeleceu como principal elemento de legitimação da união conjugal” (ABOIM, 2006, p.169).

Ao apresentar as rotinas expressas por meio da articulação das interações e afetos - duas dimensões inseparáveis do laço conjugal<sup>3</sup> -, pensamos poder entrar numa esfera importante para a compreensão, propriamente, das dinâmicas das conjugalidades, a partir de uma tipologia que abarcará tantos os achados das interações quanto os dados obtidos sobre as orientações afetivas, e, dessa forma, construiremos uma descrição do tipo de dinâmica interna dos casais em questão. Procuramos unir interação e afetos, utilizando as tipologias construídas por Aboim (2006, p.280), para denominar a dinâmica interna dos casais estudados.

Logo após, discorreremos, também, mediante a necessidade do tema abordado, sobre o exercício do trabalho de militar em contraponto com os projetos de vida das mulheres casadas com militar, a fim de investigar sobre os significados e a contextura que podem assumir as gratificações e a (ir)realização pessoal de mulheres em conjugalidades, marcadas pelas prerrogativas e exigências da carreira de militar, particularmente, a transferência entre cidades, ou seja, as vantagens e desvantagens em ser casada com militar para a vida pessoal dessas mulheres.

### **3. No compósito da interação com o afeto: uma dinâmica conjugal contextualizada**

Face ao conjunto de variáveis, referidas na metodologia e balizadas pelas questões norteadoras - interação, orientação normativa, capital escolar e profissional, rede de apoio e orientação afetiva, todas subjacentes à dinâmica conjugal de mulheres casadas com militar -, apresentaremos a seguir os resultados obtidos na pesquisa<sup>4</sup>. Antes, faz-se necessário ter em conta que as mulheres, que participaram da investigação, têm até vinte anos de união conjugal e seus maridos têm mais de dez anos de carreira militar, tendo adquirido estabilidade profissional; ainda, todas elas, como, também, seus cônjuges não são naturais da cidade de Salvador – Bahia; por fim, carregam a experiência de morarem em cidades diferentes e distantes da sua terra natal e de suas famílias nucleares por mais de cinco anos.

Nessa medida, segue abaixo um quadro com algumas informações pertinentes para a presente comunicação, vejamos:

---

<sup>3</sup> A análise dos diferentes perfis de orientação afetiva, dimensão que analisamos revelou-se, afinal, fundamental para a compreensão das dinâmicas internas.

<sup>4</sup> Dissertação de Mestrado intitulada: Mulheres-esposas: Dinâmicas conjugais e individualidades a partir da experiência de mulheres casadas com militar (SILVA, 2012).



Nomes (fictício) <sup>5</sup>	Idade	Tempo de conjugalidade	Nº de filhos/filhas	Naturalidade	Capital escolar
Ada	33 anos	15 anos	01	Rio de Janeiro – RJ	Superior Completo
Frida	43 anos	15 anos	03	Rio de Janeiro – RJ	Superior Completo
Capitu	44 anos	20 anos	02	Rio de Janeiro – RJ	Nível Técnico
Dorothy	33 anos	12 anos	02	Interior nordestino	Nível Médio
Clarice	40 anos	19 anos	02	Rio de Janeiro – RJ	Superior incompleto
Coralina	Não revelada	19 anos	02	Manaus – AM	Superior Completo

O funcionamento interno dos casais emerge dentro do contexto representado pelo trabalho militar de um dos cônjuges e pela forte incorporação da diferenciação de papéis a partir do gênero. Desse ponto de vista, foi possível identificar, como tipo de interação, o estilo *bastião*<sup>6</sup>, ou seja, integrado por regras de funcionamento fusionais e por práticas com propensões fusionais na rotina do fazer conjugal, organizadas sob a figura de um nós-família - no qual se dissolve o casal propriamente dito; ainda, o modelo *bastião* é marcado por papéis de gênero diferenciados. Consideremos que a regra fusional ora apresenta uma natureza institucionalista – “paralelo familiar e estilo bastião” -, ora é caracterizada por uma intensidade inferior de institucionalidade – “fusão companheirista”. Com efeito, em nossa pesquisa, um casal apresentou um estilo do tipo companheirista, porém, com evidências escassas, e, dessa forma, preferimos, também, enquadrá-lo entre aqueles de cunho institucional, especificamente, do paradigma *bastião*, como os demais (ABOIM, 2006, pp. 346-348).

Constatamos, na análise dos dados concernentes à interação, que as conjugalidades investigadas comportam um estilo *fusional expressivo* - quando há o exercício de práticas realizadas pelo casal ou pela família em torno das atividades lúdicas e conversas, e, de certa forma, nas realizações das atividades domésticas externas ao domínio do espaço da casa. Foi observado, entre os casais, que a *coesão interna* assume um modelo no qual os homens trabalham e sustentam a família e as mulheres se responsabilizam pelas questões

<sup>5</sup> Todas as interlocutoras desta pesquisa, bem como os nomes de familiares citados por elas, tiveram seus nomes reais substituídos por nomes fictícios para preservar suas identidades. Os nomes substitutos escolhidos são de mulheres de apreço pela pesquisadora no mundo das artes e ciência, tendo sido alguns personagens de histórias literárias, mas, em nada se relacionam com o objeto da pesquisa, e especialmente com a personalidade das informantes, tendo sido aleatório a escolha de nome para a entrevistada.

<sup>6</sup> Nomenclatura utilizada por Aboim (2006, p.228) no estudo sobre conjugalidade em Portugal.

maternais e domésticas - tudo aquilo relativo aos cuidados da família -, mesmo quando a mulher trabalha remunerada e é a responsável direta pelas atribuições domésticas.

Podemos, inclusive, destacar que estes modelos se assemelham ao de família patriarcal, reatualizada, que, segundo Freire (1933[1958]), caracteriza-se pela divisão sexual do trabalho, reservando para as mulheres o domínio doméstico, enquanto aos homens, o papel de provedor do lar. De acordo com tal arranjo, a divisão sexual do trabalho é hierarquizada e reserva às mulheres o domínio doméstico, enquanto aos homens, o papel de mantenedor do lar.

Nesse paradigma patriarcal, as esposas não trabalham fora de casa, sendo-lhes delegada a tarefa de cuidar do lar e dos filhos. Muitas vezes, segundo a concepção desse paradigma, as mulheres que trabalham fora de casa sofrem preconceito e são estigmatizadas, porque as responsabilidades domésticas, que lhes são prescritas, são, supostamente, prejudicadas por suas atividades profissionais. Segundo Silva (2008, p.21), no Brasil do século XX, para algumas mulheres de classe média, era socialmente autorizado o trabalho como professoras de crianças, senão como voluntárias sociais, atividades consideradas como tipicamente femininas, valendo-se da compreensão do papel de cuidadora/mãe. Vale ressaltar um fato histórico, interessante ao nosso estudo, que, segundo a citada autora (2008, p.22), existiu um tempo no qual “era, inclusive, bastante comum o casamento entre militares e as chamadas ‘normalistas’”<sup>7</sup>.

Soma-se a esses resultados, o fato segundo o qual, na gestão do tempo disponível e dos gostos, o nós-casal se estabelece como regra de funcionamento, onde as mulheres cedem espaços e procuram conciliar suas necessidades às de seus cônjuges – bolsa comum. Logo, não se trata apenas de diferenças encontradas em nível de divisão conjugal do trabalho doméstico – que, como já sabemos, segue a linha da diferenciação de gênero, cabendo às mulheres as responsabilidades do trabalho doméstico -, mas, de diferenças profundamente incorporadas ao cotidiano, pois, como diria Sarti (2000, p.115), trata-se de uma diferença de gêneros que, embora seja socialmente construída, se naturalizou e, nesse sentido, legitima uma concepção de casal como resultado da união entre duas naturezas diferentes e particulares, porém, complementares.

---

<sup>7</sup>Silva (2008, p.22) diz que Barros (1978:109) aponta os motivos dessa comum associação, entre eles, o fato de que a atividade de professora era considerada ‘decente’ para jovens moças da classe média; o fato de compartilharem mais ou menos dos mesmos valores culturais e tenderem a ter origens socioeconômicas similares. O autor observa ainda que boa parte das interações sociais entre cadetes e ‘normalistas’ eram estimuladas através de programas organizados em conjunto pela Academia Militar e o Instituto de Educação, ou se davam nas viagens de trem para o subúrbio carioca, onde eles serviam e elas estudavam.

Ainda, uma terceira conclusão, à qual damos relevo nas análises sobre as interações, é precisamente a da integração externa, que foi identificada como fraca, visto que não existe uma interface vultosa entre o casal e a vida social externa, especialmente, no que tange às atividades de lazer e convívio social. Os casais dispõem de um conjunto mediano de espaços de lazer e cultura para diversificar a socialização e os mecanismos de socialização, que detém, são acessados timidamente e de forma pouco expressiva, quando comparados com casais em outras *integrações externas*, acima referidas.

Nessa perspectiva, em continuidade a análise da interação interna do casal, que configuramos como fusional, sobressai, ainda, duas importantes observações. A primeira diz respeito aos achados das orientações normativas, tendo sido delimitadas como institucionalizadas, seja pela forte diferenciação de gênero, seja porque o casamento é concebido como perene, sobretudo porque as relações familiares são rigidamente apoiadas pela concepção naturalizada da família e dos papéis de gênero. A segunda concerne aos contextos socioeconômicos dos casais; nossa contribuição, nesse sentido, evidencia uma coloração fusional mesmo em casais cujas mulheres têm nível superior, bem como seus maridos; assim, inferimos que a fusão conjugal está posta para um grupo de casais qualificado quanto à esfera acadêmica e profissional.

Aprendemos, também, que a ausência de uma rede de apoio tem um impacto muito forte no domínio das interações desses casais, independente do nível escolar e profissional, isto é, quer se tenha nível médio, quer se tenha nível superior, experiência profissional ou não. A falta de uma rede de apoio se associa a formas conjugais mais diferenciadas quanto à matéria de divisão de gênero e caracterizadas no contexto do trabalho militar. Ficou atestado que a inexistência – no lugar para o qual foram transferidos - de uma rede de apoio obstaculiza, ainda mais, as chances da mulher de construir uma história profissional, dado o trabalho doméstico, qual lhe cabe como responsabilidade, indiferentemente do grau escolar e da situação profissional. Podemos, assim, corroborar, com um novo achado, o fato de que a coesão fusional das conjugalidades e o efeito negativo da ausência da rede de apoio, em face da divisão do trabalho doméstico, para a vida dessas mulheres, manifestam-se frente à relativa alta escolarização.

Nessa linha de ideias, constatamos a importância das relações de gênero na estruturação das interações familiares - dimensão central para que a abordagem de matriz interacionista, apoiada nos eixos da dinâmica interna de grupo, seja, efetivamente, capaz de tornar inteligíveis as interações internas das famílias.

Com efeito, a fusão, a autonomia e a abertura/fechamento - vividos na conjugalidade e na família - não se produzem à margem das relações sociais de gênero, fato que as análises da coesão interna, nas divisões conjugais das atribuições domésticas e do trabalho e nos lazeres, demonstraram tão bem, pois, indiscutivelmente, existe uma desigualdade na divisão das atividades domésticas e na esfera do lazer que nos permite perceber, ao se tratar dos homens, condutas mais autônomas nas esferas da vida social e familiar, enquanto com relação às mulheres, a autonomia está enquadrada no âmbito da maternidade e da casa. Em resumo, pelo lado de dentro da vida conjugal desses casais, a coesão é fusional e a integração externa, fraca.

Outra conclusão é a que articula o afeto às interações, conferindo inegável importância à sentimentalização na vida privada, porque o afeto, designado pelas mulheres como amor, gostar, paixão, etc., é um valor socialmente transversal na legitimação da conjugalidade contemporânea, revelando os contornos específicos dos casais da pesquisa.

Portanto, percebemos que, nos casos analisados, existe uma *aliança de gênero romântica* a pressupor diferenças de deveres e direitos, mas, também, de identidades e projetos, as quais configuram papéis sociais bastante diferenciados e que, por isso mesmo, se completam e desenvolvem o sentimento, argumento que sustenta a versão institucionalista do romantismo nesses casais e, até, justifica a natureza espiritual da união a dois.

Assim, aferimos que os aspectos afetivos conjugais e a produção e reprodução da vida cotidiana estão fincados na diferenciação sexual de papéis e no amor romântico. Inclusive, aquela forte dependência instrumental - demonstrada pelos relatos do cotidiano da vida dessas mulheres -, que pode decorrer da existência do intenso discurso sentimental de romantismo excludente da ideia de autonomia individual, é beneficiada ainda mais pelas margens da naturalização das diferenças de gênero - instituída na orientação normativa dos casais.

Vale ressaltar que, embora institucionalista, este modelo de conjugalidade, observado entre os casais, está além do ideal tipo de casamento instituição, por um lado, em razão da tônica que os afetos sinalizam na concepção do casal, numa espécie de amor institucionalizado, e, por outro lado, em virtude da incessante retórica da busca de identidade, ou, nos termos de Singly (2000, p.14), “do verdadeiro eu” presente na interioridade de cada um. De fato, nenhuma das entrevistadas pareceu alheia a esta “invenção da intimidade romântica” e do “eu” - instaurada nas sociedades atuais - mesmo diante das outras funções presentes na família e que são consideradas prioridades no cotidiano e no projeto de vida conjugal das mulheres entrevistadas.

A estratégia de apresentação dos resultados foi realizada de forma a evidenciar a relação de cumplicidade entre interação conjugal, orientações normativas, capital escolar e profissional, orientações amorosas, em contextos de trabalho específicos. Todas as análises, ainda, levaram em conta outras variáveis, determinantes para este estudo sobre conjugalidade, como a idade dos filhos e a naturalidade das mulheres, visando considerar o peso destas dimensões, no seio do casal, para a construção das interações e do campo de possibilidades de configuração da individualidade dessas mulheres, no contexto do trabalho de militar de seus maridos.

#### **4. O projeto pessoal das mulheres: Vantagens e desvantagens do casamento com cônjuge militar.**

Face ao discurso comum de que a transferência entre cidades é um aspecto que interfere na vida dessas mulheres - isto porque, ao acompanharem seus maridos nessas mudanças entre cidades, muitos constrangimentos lhes são acometidos, como a perda da rede de apoio, os óbices de progressão ou continuação da escolarização e os obstáculos para cuidar dos filhos, ou seja, a pouca familiaridade com a “nova” cidade provoca um desgaste e ansiedades na busca pelo acesso às redes de serviços de saúde, de supermercado, de ensino, etc., disponíveis e que estejam de acordo com seus critérios, vivendo-se num circular processo de adaptação -, observamos o limite dessa intervenção, em comparação a outras dificuldades que, na mesma medida, demandam seus esforços para serem superadas. Com efeito, o aspecto de maior relevo da interferência decorrente das transferências diz respeito ao campo das possibilidades dos projetos individuais, notadamente, a questão profissional.

Portanto, é ponto pacífico - segundo os relatos - que as transferências entre cidades, para fins do trabalho dos maridos, comprometem o projeto profissional dessas mulheres, quando compreendidas em dinâmicas conjugais - fusionais, institucionais e românticas - inscritas em papéis de gênero, em face dos quais, o trabalho de seus maridos se constitui como o meio de prover a renda familiar e a responsabilidade familiar, enquanto o trabalho doméstico, a educação e os cuidados com as crianças se vinculam às mulheres. Nesse quadro, a família é concebida como uma instituição naturalizada, uma unidade biológica de reprodução (pai, mãe e filhos), como diria Sarti (2000, p.115), e, por isso, ininterrupta e com tarefas naturalmente definidas.

Nossa questão, agora, é saber se há vantagens, resultantes do trabalho de militar de seus maridos, na vida e para o projeto pessoal dessas mulheres. A primeira observação foi no sentido de que as mulheres entrevistadas revelaram se perceberem importantes na carreira

militar dos maridos, seja pela tarefa que desempenham na vida doméstica em face das dificuldades impostas pela logística das mudanças, seja pelo apoio afetivo e emocional que os estimula a seguir quando as situações se apresentam adversas.

Ademais, descobrimos que as exigências do trabalho de seus maridos - missões alongadas por dias e até meses, serviços mensais de mais de vinte quatro horas de duração e/ou expedientes com jornadas extraordinárias, todas, entre outras, são exigências pertinentes à carreira militar - consomem parte do tempo de convívio destes com a própria família, fazendo com que essas mulheres assumam decisões e responsabilidades muitas vezes sozinhas no que tange às obrigações com os filhos e ao cotidiano da casa, até porque, quando ocorrem mudanças entre cidades, de imediato, não existe uma rede de apoio consolidada e as incertezas, causadas pela adaptação nas novas cidades – para onde foram transferidos seus maridos -, causam-lhes ansiedades que não abrigam espaço para fragilidades, exigindo-lhes uma postura madura.

Ora, foi a partir de respostas como essa que constatamos a existência de outras questões importantes para o contexto da vida dessas mulheres, levando-nos a perceber que casar com militar não é, de toda forma, uma erosão de suas individualidades, tampouco, apenas sacrifícios pessoais. Nesse sentido, ainda que a realização profissional delas, propriamente dita, algumas vezes, seja relegada a um segundo plano, em nome da maternidade e do trabalho doméstico, por vezes, por ter acompanhado os maridos nas transferências entre cidades, ou ainda, pelo acúmulo de responsabilidades na família, essas mulheres mobilizam, através do trabalho de militar de seus maridos, gratidões que lhes dão sentido e identidade.

Como vimos, elas acreditam que o sucesso profissional de seus maridos tem a ver com o apoio delas e, por isso, todos aqueles benefícios resultantes da condição de militar lhes são próprios, fazendo com que cada um enxergue a si própria.

Até mesmo a problemática questão das transferências, muitas vezes, é vista como positiva para a vida do casal; nesse momento, há um sentimento de renovação, uma expectativa de mudança nas relações, ou, no mínimo, de esperança de melhoras financeiras, bem como é concebida como uma oportunidade de conhecer outros lugares e outras culturas. Há, portanto, um benefício imaterial, inerente a esta necessidade de transferência, que faz a dificuldade, quase sempre, de se estabelecer profissionalmente não seja considerada como uma perda tão avassaladora no projeto pessoal e de futuro, constituindo, também, uma situação de troca entre equivalentes concernentes aos projetos pessoais dessas mulheres.

Assim, ao invés de enfatizarmos uma expectativa conjugal frustrada, na qual as mulheres vivem uma situação de abdicação total de suas individualidades ou uma circunstância quase artificial de suas interioridades, podemos afirmar que elas não estão ao todo<sup>8</sup> refém de uma situação. Consideramos a ideia de que essas mulheres trabalham para construir o avanço da carreira do esposo, conhecida, na literatura internacional, como casais “*two person career couples*, que significa dizer que duas pessoas investem numa carreira única” (DINIZ, 1999, p.33). Nestes termos, trata-se de quando a mulher investe na profissão do marido, ou ainda, o que, conforme Silva (2008, p.36), Guerreiros (1996) chamou de *carreira a dois*, ou seja, as mulheres têm a “carreira de seus maridos como algo que não lhes é paralelo, mas da qual são parte intrínseca, quase em termos de igualdade”.

Por isso, podemos dizer que se trata do ‘preço que se paga’ pelo lugar e pelo modo de conduzir a relação, que de certa forma, requer, invariavelmente, a perda de identidade profissional. Na medida em que existem ganhos pessoais, por sua vez, não avaliamos como uma conduta altruísta e despropositada, mas, sobretudo, como um condicionante - denominado, outrora, por *carreira a dois* - resultante de todo um investimento planejado como estratégia de vida. Logo, a carreira a dois comporta a capacidade de construção do “eu”, que desejou e se realiza profissionalmente, mesmo que, de forma indireta e direta, pelas interfaces que esse tipo de trabalho lhes confere, como morar em diversos lugares do país, entre outras.

Além do mais, as entrevistas mostraram, também, que o papel feminino, historicamente valorizado, é uma retórica que lhes concede uma satisfação, até mesmo a questão da transferência - pedra de toque dos insucessos profissionais para algumas delas - esteve presente, no início do relacionamento, como um elemento motivador para viver em conjugalidade com militar. Portanto, as transferências podem constituir um elemento cambiante de novidades e esperanças, às vezes, tão necessárias ao convívio conjugal e familiar.

Nesse viés de realizações, outras questões integram a ideia de que vale a pena, ou de que não é de todo mal, perder a autonomia profissional, quando colocada à margem como artifício, em face das prerrogativas e exigências do trabalho de militar dos respectivos maridos, para a construção de uma história original.

No fabrico do laço conjugal, além dos afetos ou da procura de si mesmo, outras dimensões de contingências e de contextos sociais são igualmente importantes; logo, as

---

<sup>8</sup>Dissemos ao todo, porque consideramos que o aspecto total dos quartéis de certo modo é uma questão que aprisionam os indivíduos que neles estão inseridos.

funções instrumentais de produção econômica, de educação e de apoio material convivem com o afeto, produzindo e dando sentido à conjugalidade. Com efeito, as “perdas” profissionais - expressão maior de autonomia e individualidade - se reconfiguram em formato de conquistas e gratificações, quando não, “status” social, na vida dessas mulheres casadas com militar.

Assim, verificamos que as mulheres podem, em certa medida, ter suas individualidades interferidas, mas, em outro aspecto, percebemos que algumas das suas aspirações e projetos de vida só lhes foram possíveis em virtude das condições da carreira militar de seus maridos. Assim, ressaltamos que a espécie de trabalho de seus cônjuges não pode ser compreendida em termos opostos, nem complementares para a vida pessoal dessas mulheres, mas, trata-se de reconhecer nele a existência dos fundamentos de constituição de investimento pessoal.

Logo, a principal e decisiva escolha dessas mulheres – no que tange ao investimento pessoal- foi casar com alguém da carreira militar, pois as suas histórias são delineadas em razão desse fato. Decisão esta que nos pareceu consciente frente às características intrínsecas ao ofício militar. Então, ainda que, no cotidiano conjugal, os assuntos do mister de seu cônjuge sejam, discursivamente, os grilhões do desenvolvimento de seu trabalho profissional, é, sobretudo, através daquela carreira que elas têm proporcionados outros recursos e benefícios – particularmente conhecidos e valorizados, que lhes concedem autoestima, sentido e identidade - tão importantes quanto às suas questões profissionais<sup>9</sup>.

## 5. Considerações finais

Ao longo do artigo, argumentamos que as tensões, na vida conjugal de mulheres esposas de militares, bem como na dinâmica de suas vidas pessoais, estão, em certo sentido, vinculados às exigências da profissão de seus maridos, como, por exemplo, as transferências e a disponibilidade intrínseca à carreira militar, e, sobretudo, as entrevistas mostraram, também, que o papel feminino, historicamente valorizado, é uma retórica que lhes concede uma satisfação, qual seja, ser mulher-esposa, num esforço para o equilíbrio identitário entre o *self* íntimo e o *self* estatutário.

---

<sup>9</sup>Curiosamente, com relação àquelas que demonstraram ao aspecto profissional um sentido mais constitutivo do seu eu, bem como às outras que concederam ao trabalho profissional um entendimento mais instrumental, concluímos que os benefícios advindos do trabalho de militar de seus maridos se sobrepõem a perda profissional. Assunto que sugerimos, posteriormente, maior aprofundamento.



Um conceito importante para nossa pesquisa é o da *individualização* na família, compreendido como “busca de gratificação pessoal e autodeterminação do *self*, por um lado, e realização afetiva através de uma relação de alteridade, em que, em última instância, o sentimento para a própria individualidade existe porque o outro existe” (ABOIM, 2006, p.01). Assim, a *individualização* se constituiu como uma categoria relevante para nosso estudo sobre conjugalidade de mulheres casadas com militar, a partir das exigências da carreira militar.

Nesse sentido, cremos ser pertinente afirmar que, nos casos estudados, as dimensões da vida privada e profissional estão vinculadas e reciprocamente influenciadas; dessa maneira, procuramos mostrar como a dinâmica conjugal e algumas exigências do trabalho de militar influenciam nos projetos individuais das mulheres de militares, dificultando a construção de uma história mais individual, notadamente, a vida profissional.

Mas, consideramos, também, que os projetos de vida dessas mulheres podem abarcar outras questões, que lhes despertam o interesse por essa condição. Afirmamos que essas mulheres podem até não ter ou não ver realizada uma história tão autêntica ou original - como se presume que desejem os indivíduos na contemporaneidade, especialmente, o discurso da atualidade sobre a mulher independente financeiramente - ao acompanharem seus maridos nas jornadas de suas carreiras, por se dedicarem integralmente, durante uma fase, ou por toda a vida conjugal, à família e ao casamento.

Entretanto, observamos a existência de um conjunto de concretizações dessas esposas de militares - tão importantes quanto à independência financeira - que despertaram seu interesse em conviver com seus maridos, a fim de lograrem objetivos pessoais de natureza material, possíveis pelas garantias relacionadas ao trabalho de seus cônjuges, como residência, estabilidade financeira, plano de saúde, etc., bem como - paradoxalmente, no contexto conjugal, elaborado segundo o paradigma da divisão de gênero – encontramos uma margem de individualização pela maternidade.

Além disso, é necessário esclarecer que, dadas às possibilidades da pesquisa de campo, na qual as entrevistas foram fundamentais, optamos por uma abordagem que enfatiza as declarações como uma realidade apreendida - delimitadoras do universo de observação. Mesmo que, frente à dinamicidade da vida concreta, as falas das mulheres entrevistadas possam nem sempre corresponder aos fatos do seu dia a dia, escolhemos enquadrar seus discursos como dados da pesquisa, pois acreditamos que a apreensão do objeto delimitado por esta pesquisa só possa ser adquirida, de modo viável para pesquisador e pesquisado, a partir das suas falas.

Nessa perspectiva, entendemos a importância de privilegiar esses dados como “verdades autobiográficas”, pensadas ao longo da pesquisa como uma forma de ‘descrição de si’ que não perde de vista as relações estabelecidas entre a experiência em si e a leitura/interpretação cotidiana dessa experiência. É na (re)leitura e na (re)escrita narrativa da experiência que os sujeitos olham suas recordações e referências e pensam/articulam suas vidas (SOUZA, 2008).

Nesse sentido, tecemos uma análise necessariamente esquemática e metodológica, procurando destacar a unicidade nas vozes dessas mulheres, mas, ao mesmo tempo, respeitando a singularidade de cada entrevistada, ou o universo particular de cada casal, tomando, por isso, o devido cuidado de não produzir generalizações - opinião construída por um único argumento sem considerar as especificidades de cada caso -, uma vez que são sempre um risco ao estudo de família e conjugalidade, bem como à ciência.

## 6. Referências

ABOIM, Sofia. **Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois**. Editora ICS, Lisboa, 2006.

\_\_\_\_\_. **Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal**. In: Sociedades Contemporâneas: reflexividade e ação. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 21 mai. 2010.

COSTA, Lúvia Fialho. “Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos”. In: NASCIMENTO, A.D. e HETKOWSKI, T. (orgs.) **Educação e contemporaneidade** – pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: edufba, pp.355-371, 2009.

DINIZ, G. **O casamento contemporâneo em revista**. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 135-155, 2009.

\_\_\_\_\_. **Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira**. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Casal e família: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: NAU, pp. 31-54, 1999.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Horizonte do indivíduo e da ética no crepúsculo da família**. In: Ribeiro, I. e Torres Ribeiro, A. C. (Org.). Família em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira. Editora: Loyola, São Paulo, pp. 27-41, 1995.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Editora Dom Quixote, Lisboa, 1993.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

FONSECA, Cláudia. **De família, reprodução e parentesco: algumas considerações**. In: Cadernos Pagu (29), pp. 9-35, julho-dezembro de 2007.

\_\_\_\_\_. **Política, gênero e sujeito: afinidades com consequências** In: Cadernos Pagu (21), pp. 317-325, 2003.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 10 ed. Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Editora: Gramond, Rio de Janeiro, 2004.

JABLONSKI, B. **Afinal, o que quer um casal?** algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Ed. PUC-RIO e Loyola, pp. 141-168, 2003.

\_\_\_\_\_. **O cotidiano do casamento contemporâneo:** a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 203-225, 2007.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **De volta ao lar:** as mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocessos ou “novo” modelo de família? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 219-235, 2009.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre um antigo tema:** a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, pp. 122-137, 2005.

RABINOVICH, Elaine. **Família e cidade:** um estudo sobre trajetórias e *self*. In: Moreira, L. e Carvalho, A. M. A. (Org.). *Família, Subjetividades, vínculos*. Editora: Paulinas, São Paulo, pp. 141-145, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da família**. Editora: Terramar, Lisboa, pp. 5-20, 1996.

SALEM, TÂNIA. **A trajetória do “casal grávido”:** de sua contribuição à revisão de seu projeto. In: Figueira, S. A. (Org.). *Cultura da Psicanálise*. Editora: Brasiliense, pp. 35-61, 1985.

SARTI, Cinthia Andersn. **O jovem na família:** o outro necessário. In: Novaes e Vannuchi (Org.). *Juventude e Sociedade*. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, pp. 115-129, 2004.

SARTI, Cinthia Andersn. **O jovem na família:** o outro necessário. In: Novaes e Vannuchi (Org.). *Juventude e Sociedade*. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, pp. 115-129, 2004.

\_\_\_\_\_. **Algumas questões sobre família e políticas sociais**. In: Jacquet, C. e Costa, L. F. (Org.). *Família em mudança*. Editora Companhia ilimitada, São Paulo, pp.193-211, 2004.

\_\_\_\_\_. **Deixarás pai e mãe:** notas sobre Lévi-Strauss e a família. In: *Revista Antropológicas*, ano 9, volume 16(1), pp. 31-52, 2005.

\_\_\_\_\_. **Famílias enredadas**. In: Acosta A. R. e Vitale, M. A. F. (Org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 5ª Ed. Editora Cortez, São Paulo, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Editora Cortez, São Paulo, 2007.

SILVA, Célia Nunes Silva & ANASTÁCIO, Maria Guerra. **O descompasso entre a função parental e a dupla carreira dos pais.** In: Moreira, L. e Carvalho, A. M. A. (Org.). Família e educação: olhares da psicologia. Editora: Paulinas, São Paulo, pp. 197-208, 2008.

SILVA, Fernanda Chinelli Machado da. **Mulheres de militares:** família, sociabilidade e controle social. Dissertação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2008.

SINGLY, François. **Uns com os outros:** quando o individualismo cria laços. Editora: Instituto Piaget, Lisboa, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da família contemporânea.** Editora: FGV, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **O eu, o casal e a família.** Editora: Dom Quixote, Lisboa, 2000.

\_\_\_\_\_. **Livres juntos.** Editora Piaget, Lisboa, 2001.

\_\_\_\_\_. **O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar.** In: Peixoto, C. E., Singly, F. e Cicchelli, V. (Org.). Família e Individualização. Editora: FGV, Rio de Janeiro, pp.13-19, 2000.

SOUZA, Elizeu C. **(Auto)Biografia, identidades e alteridade:** modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. Revista Forum Identidades, ano 2, vol. 4, pp. 37-50, julho-dezembro de 2008.

TORRES, Anália Cardoso. **Casamento:** conversa a duas vozes e em três andamentos. Disponível em: <[http:// www.analiatorres.net](http://www.analiatorres.net)>. Acesso em: 04 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Vida conjugal e trabalho:** uma perspectiva sociológica. Editora: Celta, Lisboa, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do casamento:** a família e a questão feminina. Editora: Celta, Lisboa, 2001.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 3 ed. Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose.** Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1994.